SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XXXVII
Número 430
31 de Julho
1981
Avulso: 15$00

Mensário Escotista Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 — 1200 LISBOA

ASSASSINAR UMA ÁRVORE

pelo Dr. David Freire

O crime ainda não tem nome, que eu saiba. Pode-se propor a palavra *dendricídio* (ou dendrocídio) formada sobre o grego.

Não conheço publicação mais adequada, a um estudo sério sobre este lamentável crime, do que um jornal dedicado ao Escotismo.

A tragédia bate-nos à porta nos meses de verão e não só. As chamas, que não vemos directamente, erguem-se nas primeiras páginas dos jornais. Aniquilam a árvore secular, o pequeno arbusto, a vetusta grandeza de uma sombra fresca e indispensável. É como se o atentado fosse contra a própria respiração dos homens. Que digo eu? Ele *é mesmo* contra a própria respiração dos homens.

Haverá, em certos seres, talvez por equívoco denominados de humanos, satisfação sádica no presenciar do espectáculo de uma floresta ardendo? Quem é "dendricida", e porquê? Os incendiários, como sabemos, nesta área muito especial da matança dos seres vegetais, escapam com grande facilidade. Apresenta-se como tanto mais repugnante, esta espécie de crime, quanto é certo ser possível, neste caso, "rebolar" numa perfeita impunidade. Se o assassino actua solitário — esse é o nosso grande medo — se é um "louco" de aparência vulgar, como detectar o acto *isolado*, a quotidiana "distracção", em qualquer momento do dia ou da noite?

Quem não tem acesso a uma oportunidade fácil de pegar fogo a uma mata?

Já o dendricídio de natureza colectiva implica uma investigação menos complexa. A *seita* de matadores de árvores surge geralmente como célula de terrorismo político anti-governo "X" ou como colecção de "braços" (jagunços, capangas, "professional Killers") de vorazes construtores civis interessados em desertificar... para *edificar*, de acordo com sórdidos objectivos. Cabe à Polícia o natural trabalho de investigar crimes de "máfias", de interrogar e de prender quadrilheiros.

Mas como interpretar o acto — e sobretudo a atitude que o provoca — de assassinar uma árvore, uma só árvore que seja, a título pessoal?

Que espantosa tara é esta? Encontramo-nos nós, muito mais do que somos capazes de imaginar, cercados de monstros com a aparência de homens? Uma árvore é um ser vivo por excelência, um ser pacífico, útil, poético, familiar, inocente; um ser de tal forma pertencente ao nosso universo psicológico de base que o grande psicólogo suíço Koch fez do seu desenho a melhor forma de exprimir a personalidade humana. O "Teste da árvore" surge a partir da situação estrutural-paisagística em que nos integramos. A árvore é uma referência, um ponto de apoio cultural, estético, e acima de tudo *vital*. Não se impõe por acaso o seu quase culto às crianças que aprendem as primeiras letras. A floresta desempenha um papel fundamental naquilo a que Jung chamou brilhantemente o "inconsciente colectivo". Árvore é cenário, poesia, matéria-prima e progresso. Atacá-la é destruir Natureza — com *N* maiúsculo — mas mais ainda, atacar a própria natureza que somos.

Como explicar o dendricídio?

Matar uma árvore é *agredir*, mas dentro de uma dimensão de cobardia que não encontra paralelo noutro tipo de *violência fácil*.

Este maravilhoso e inocente ser vivo vegetal não responde ao ataque; não pica, não morde, não arranha. Arde, muito "resignadamente", diante do criminoso.

Que obscuras forças movem o assassino da árvore?

A árvore em si não pode levar ao crime, pois por si mesma, jamais o provocaria. Quem a mata, partindo do princípio que o seu caso não é o da total *alienação* (a loucura não se ajusta ao plano das reflexões morais) actua contra um outro homem, um proprietário de carvalhos, de cedros ou de pinheiros, por exemplo, ou contra um Estado ou um povo que se orgulha do seu património florestal? Porque o faz? Se a inveja e a raiva, numa operação —psicanalítica — de "transferência", se abatem sobre a natureza inocente, isso só pode, a nosso ver, explicar-se por uma *deformação* resultante de um *vazio*, de um *nada*, na área dos VALORES.

Educa-se hoje o homem para manipulador de coisas, para o *ter* e não para o *ser*. Vivemos uma hora de interesse — bem alimentado — pela *explicação* mas não pela *compreensão* (Dilthey).

Talvez que a fúria dendricida venha daí. A sensibilidade face à Natureza encontra-se embotada. À força de substituir o *vivo* pela *coisa*, o bem *humano* pela *realidade tecnicizada*, provoca-se o aparecimento de um estado de espírito — se é que de espírito se pode falar — em que com indiferença ou absurdo sadismo se pega fogo a uma árvore.

Só uma reeducação, em nome de valores mais fundos e mais nossos, afastará o espectro de um futuro feito por e para "robots".

O *dendricídio* não é mais do que um *suicídio* que a todos diz respeito.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Com data de 28 de Maio último, mas agora distribuído, foi publicado o Boletim Oficial nº. 2/81, do qual respigamos alguns assuntos e informações de maior interesse para a generalidade dos nossos estimados leitores.

ESCOTISMO É TAMBÉM ISTO, MAS...

Por todo o lado vêem-se proliferar reuniões para debate dos problemas. Muito se discute e muito ou tudo se põe em causa.

Alguns chamam a essa discussão, mesmo quando estéril, o processo democrático.

Isto passa-se no nosso País e em todo o Mundo; muitas vezes, muitas mesmo, com esse carácter de esterilidade. A nada se chega, tudo se contesta, nada se faz (de fazer prático, útil e que sirva realmente as pessoas). Fala-se por falar; para querer impor os seus pontos de vista, quantas vezes pessoais) e, se a resolução mais generalizada vai contra a opinião pessoal, não se acata, não se colabora, afastam-se as pessoas, ou combate-se o que foi resolvido (aberta ou clandestinamente).

Isso passa-se, por vezes, na nossa AEP, como, não poderia deixar de ser, reflexo do panorama geral em que se vive.

Isso passa-se, também, a nível do Escotismo Mundial e das Regiões Continentais. São reuniões para debate dos problemas que afectam a juventude e os escoteiros como parte integrante dessa juventude.

E tudo isso é ESCOTISMO.

É para isso que dentro da estrutura, orgânica e métodos escotistas, os jovens e os seus dirigentes foram agrupados em conjuntos que vão desde a Patrulha, Equipa, Conselhos de Guias, de Patrulha, Conselhos de Grupo, Conselhos Regionais e Nacionais, Indabas, Conferências Nacionais, Regionais e Mundiais; é para isso que se realizam frequentemente simpósios e seminários para debate de problemas, a vários níveis, assim como se organizam Grupos de Trabalho e Estudo, funcionando sob vários esquemas mais ou menos modernizados e apoiados com meios audo-visuais cada vez mais aperfeiçoados.

E eu direi que tudo isso continua a ser ESCOTISMO, mas tudo isso é SÓ e APENAS, UMA PEQUENA PARTE DO ESCOTISMO.

E, na realidade, para além de tudo isso que é ESCOTISMO, há uma coisa muito simples que é FAZER OS JOVENS VIVER E PRATICAR ESCOTISMO.

Esse é que é o GRANDE E VERDADEIRO ESCOTISMO — o seu objectivo: formar HOMENS capazes, conhecedores e actuantes em relação a si e aos outros.

Isso, dizia o Fundador B.-P., é simples; façam-no com os jovens. Não transformem o Escotismo numa ciência, que na realidade não é.

Em relação a isso mesmo, dizia um antigo Esc.-Ch. Nac. da AEP: "Trabalhinho é que se quer". Falar e programar sim, mas só o necessário e indispensável para planificar coordenadamente e para estabelecer programa de acção e de colaboração. O resto é EXECUTAR ESSES PLANOS E PROGRAMAS, e isso, a execução das tarefas que conduzam ao aperfeiçoamento dos jovens para que venham a ser HOMENS, isso é a parte restante e *importante* do ESCOTISMO.

Por isso, cuidado, pois que

ESCOTISMO É TAMBÉM ISSO, MAS...

RESOLUÇÕES E DETERMINAÇÕES DA DIRECÇÃO NACIONAL E SEUS COMPONENTES

Regulamento-Geral — I Parte

Como resultado da reunião do Conselho Permanente realizada em 1980, foi aprovado por esse Conselho uma certa porção do Reg.-Geral-I Parte.

Aguardou-se a apresentação da acta desse C. P. para a passagem a limpo dos artigos aprovados. Seguidamente o Esc.-Ch. Nac. entendeu apresentar algumas notas e comentários.

Concluído esse trabalho, considera-se em plena aplicação a referida parte do Reg.-G..

Recomenda-se que o C. P. procure avançar nos restantes aspectos por forma a podermos ter, tão breve quanto possível, um Regulamento geral completo.

FOI FILIADO O GRUPO Nº. 51 — TOCHA

Através da Região Norte, foi filiado definitivamente o Grupo nº. 51, com sede na Tocha, que adopta o lenço castanho com barra vermelha.

REORGANIZANDO O GRUPO Nº. 31 — LISBOA

Pela acção dos dirigentes da Região de Lisboa, foi reorganizado o Grupo nº. 31, cuja sede é no Largo das 6 Marias, no Bairro da Cruz Vermelha, em Lisboa. Esta unidade esteve inactiva, mas tem agora novos dirigentes.

A Direcção é constituída pelos srs. José Abegão Duarte, presidente; José João Pires, secretário; Manuel Leitão Gil, tesoureiro; João da Cruz e Silva, vogal e D. Maria de Jesus Marques Gonçalves, representante dos pais dos escoteiros.

Para escoteiro-chefe do grupo recebeu homologação o sr. Gastão Henrique Palma Gonçalves.

ASSISTENTES RELIGIOSOS DA REGIÃO NORTE

Fiel aos princípios de interconfessionalidade que caracteriza a AEP, a Direcção Nacional nomeou o Rev. Frei Bernardo Domingues, O. P. assistente religioso para os escoteiros católicos-romanos e o Rev. Albert Aspey para os escoteiros evangélicos.

N. da R. — "Sempre Pronto" congratula-se com a nomeação destes amigos para tão importantes cargos, registando que o primeiro tem honrado estas colunas com a sua colaboração.

O E. C. ANTÓNIO MIRA CALHAU FOI NOMEADO CHEFE NACIONAL ADJUNTO

O dirigente eng. tec. António Mira Calhau, agora designado para chefe nacional adjunto, tem longa folha de serviços à AEP, tendo pertencido ao antigo Grupo 11, do Liceu Camões; ao Grupo 115, do Lisboa Ginásio Clube, ambos extintos, foi escoteiro-chefe regional de Lisboa e desempenhou diversos cargos a nível central e regional.

→ pág. 11

SEMPRE PRONTO

PROPRIEDADE
Aliança Nacional das ACMs de Portugal
DIRECTOR
Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO
Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR
José Eduardo Pena Ribeiro
COLABORADOR
Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA
Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

R. Saraiva de Carvalho, 97 - 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 60 37 78 - 60 36 89

FUNDADO
em 1 de Janeiro de 1945

Assinatura anual: Esc. 150$00
Despesa de cobrança Esc. 30$00

Estrangeiro:
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 250$00

Outros países: Esc. 350$00

A fotografia da floresta em chamas, que ilustra a primeira página como base do artigo de fundo, foi-nos gentilmente cedida pelo "Diário de Notícias".

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO



NOS JAMBORIS NACIONAIS DOS ESTADOS UNIDOS E CANADÁ ESTARÃO PRESENTES 51 000 ESCOTEIROS



Mais de 51 000 escoteiros estão presentes nos Jamboris nacionais que se estão a realizar nos Estados Unidos e no Canadá.

O "CJ'81", o Jambori do Canadá, realizou-se nos primeiros dez dias deste mês de Julho, perto de Calgary, Alberta, com a presença de 20 000 escoteiros e dirigentes. Este acampamento nacional receberá no entanto a presença de patrulhas escoteiras idas de quinze países. Este acampamento tem a particularidade interessante de se realizar no mesmo local onde vai reunir o Jambori Mundial de 1983.

No fim deste mês, Julho, portanto no momento em que o nosso jornal está a ser publicado, acamparão nos Estados Unidos, em Fort, A. P. Hill, na Virgínia, 31 000 escoteiros e dirigentes. Este acampamento receberá ainda escoteiros idos de 24 países.

As duas associações escoteiras do Canadá e dos Estados Unidos procuraram evitar a participação dos seus membros nos acampamentos do outro país.



ESCOTEIROS DEFICIENTES A PROTECÇÃO DO AMBIENTE



A Repartição Mundial de Escotismo informa que relatórios recebidos de diversos países informam que têm sido realizadas actividades especiais durante o Ano Internacional do Deficiente.

Em Hong Kong, foi realizado um original programa de serviço comunitário: uma campanha de recolha de lixo e detritos conduzida por escoteiros deficientes. O tema da operação é: "Um escoteiro deficiente pode bastar-se a si próprio mas também é capaz de ajudar os outros". — *Newsletter Bulletin*

* * *

FEDERAÇÃO ESCOTISTA DE PORTUGAL

Dirigentes da AEP têm continuado a reunir com dirigentes do CNE, com vista à elaboração dos Estatutos da futura Federação Escotista de Portugal (FEP).

Com esse mesmo objectivo, esteve em Portugal, o Esc.-Ch. Nac. Patrick Mackloughim, Chefe-Executivo do Secretariado Europeu de Escotismo, em nome desse Secretariado e por incumbência e representação do Secretariado Mundial de Escotismo.

Durante essas reuniões que decorreram de 11 a 15 de Maio, analisaram-se os dois seguintes pontos:

- A constituição do Escotismo Mundial obriga que a Federação de um qualquer país tenha personalidade jurídica (seja registada oficialmente nesse país). Daí resulta não ser possível um simples acordo entre associações, que se traduza num Secretariado Coordenador das áreas de interesse mútuo.
- A urgência que o Secretariado Mundial põe em ter em seu poder um documento que represente um acordo entre a AEP e o CNE, até meados de Julho, de molde a ser presente na Conferência Mundial que se realizará em Agosto próximo. Essa urgência é ditada, segundo dizem, por ser Portugal o único país onde o Escotismo ainda está representado por mais do que uma entidade escotista nacional.

Em face do atrás referido, têm continuado os dirigentes das duas associações a reunir-se.

Pela parte da AEP, têm os seus dirigentes procurado seguir o mandato que lhes foi estabelecido na Conferência Nacional de Dez. passado. Temos, também, procurado estar em contacto estreito com os Esc.-Chefes Regionais.



ESTA PATRULHA ESTÁ PRONTA A AVANÇAR PARA O 'NACIONAL'



VAMOS DAR ATENÇÃO AOS LOBITOS

continuação do número anterior

A FORMAÇÃO RELIGIOSA:

Nasce do cumprimento da primeira parte da Promessa, procurando que o Lobito seja leal a Deus, princípio criador.

Baden-Powell é bem claro quando afirma: "PRETENDER EDUCAR UMA CRIANÇA, EXCLUINDO O SENTIMENTO RELIGIOSO É O MESMO QUE CONSTRUIR UMA EDIFÍCIO SEM ALICERCE; EIS PORQUE REPUDIO TODO O PRETENSO ESCOTISMO LAICO".

Ao Chefe de Lobitos cumpre estimular o sentimento religioso, procurando despertar a consciência das crianças para Deus: METER DEUS, AMOR SUPREMO, NOS CORAÇÕES E CONSCIÊNCIAS É TODA A EDUCAÇÃO".

Como a Associação é na maioria dos seus Grupos composta por unidades justa-confessionais, onde uma grande parte não é religiosa praticante, mas sim indiferente, deve o CHEFE orientar a sua acção pelas seguintes regras:

ESTIMULAR E ACONSELHAR os Lobitos no cumprimento dos seus deveres religiosos, dentro da Religião que professam;

DESPERTAR O AMOR A DEUS, pela vida activa junto da natureza;

PROMOVER a formação moral, daqueles declarados como indiferentes, despertando a sua consciência para Deus.

E assim estamos bem dentro das recomendações do CHEFE BADEN POWELL bem definidas quando afirma: "O PONTO ESSENCIAL É QUE TODOS AMEM DEUS AINDA QUE DE MANEIRAS DIFERENTES".

Não tem a Associação qualquer religião oficial, por isso os CHEFES terão o máximo cuidado nesta parte da formação moral dos Lobitos, tendo presente que PROMESSA RELIGIOSA é única e basilar, MAS QUE A NENHUM DOS LOBITOS PODE SER IMPOSTO O SEGUIMENTO DE DETERMINADA CONFISSÃO RELIGIOSA, SEM QUE OS PAIS O TENHAM EXPRESSAMENTE E POR ESCRITO DECLARADO.

A FORMAÇÃO CÍVICA

É a aplicação da segunda parte do primeiro artigo da Promessa, que impõe ao rapaz que seja LEAL À SUA PÁTRIA.

A primeira missão do CHEFE, neste caso, é *dar à criança uma noção clara e simples da Pátria.*

Despertada a criança para o amor da Pátria, surge imediatamente como corolário a necessidade de criar uma mentalidade de *servir e ser fiel à PÁTRIA*, para o que bastará na idade Lobito ser um bom filho, um bom estudante e um bom companheiro.

A FORMAÇÃO ALTRUÍSTA

É orientada pela prática da BOA ACÇÃO que no caso especial do Lobito se transforma em PRESTAR DIARIAMENTE UM SERVIÇO A ALGUÉM.

Assim o Chefe tem ao seu alcance um dos meios mais eficazes para combater os sentimentos egoístas do rapaz, que geralmente gosta de praticar a sua maldade apenas por traquinice.

Como correctivo deste espírito, aparece A LEI DA ALCATEIA, código de moral em nada semelhante ao da Divisão Escoteira, mas compreensível pela mentalidade da criança.

AS LEIS DA ALCATEIA SÃO:

1º – O Lobito escuta o VELHO LOBO;

2º – O Lobito não se escuta a si próprio.



O Velho Lobo, representa na mística da Divisão, todo aquele que está investido de autoridade: pais, professores, chefes, a quem os Lobitos devem respeito e obediência, resultante da longa experiência da vida. No segundo artigo e como corolário, o repúdio da sua personalidade, quanto a fazer aquilo que lhe vem ao pensamento, geralmente sem fundo razoável.

É um meio de sob o aspecto infantil e brincalhão, impor ao garoto um código moral simples, completo e cheio de simbolismo, que satisfaz a sua mentalidade. A norma moral no Lobismo, como geralmente no Escotismo, aparece como regra de jogo e não como imposição em absoluto contrária ao espírito do Lobito.

Ainda neste cantinho da formação moral do Lobito, a divisa é bem original, pois é a manifestação dum desejo, e não o princípio imposto, e assim a divisa Lobito é: FAZER O POSSÍVEL POR SE TORNAR O MELHOR.

Assim tem o Lobismo a sua PROMESSA, LEI e DIVISA: como meio, onde esta formação é possível fazer. A MÍSTICA DA DIVISÃO é criada pela LENDA DO MAUGLI, a vida na SELVA com as suas DANÇAS e CONSELHOS, muitas vezes de aspecto ridículo, provocando comentários e até o repúdio, por alguns, do método do Lobito.

A FORMAÇÃO FÍSICA DO LOBITO:

A educação física e o desenvolvimento normal do corpo do Lobito, merece um cuidado especial, procurando criar corpos saudáveis e resistentes, sem a preocupação de formações atléticas, que, como bem diz CARREL, DÃO LINDAS FORMAS DE CORPO MAS NÃO DÃO RESISTÊNCIA FÍSICA.

Na aplicação do nosso programa, quanto à educação física, pomos ao alcance dos Chefes, os seguintes meios de acção:

A MARCHA, com pequenas excursões, que terminam ao mais pequeno sinal de fadiga;

TREPAR, devemos organizar pequenos exercícios de escalamento , em que os garotos têm ocasião de utilizar todos os seus membros;

SALTOS e CORRIDAS, exercícios favoritos, que aparecem sempre juntos na sua brincadeira;

DEMONSTRAÇÃO DE FORÇAS: isto é, estão sempre prontos a fazer transportes e levantamento de pesos, que nós coordenaremos;

LUTAS: bem necessárias para combater o seu desejo constante de brigas, e realizado em pequenos jogos;

NATAÇÃO: prática a aconselhar interessando-a como uma necessidade para exercício da B. A. Os exercícios devem ser feitos com cuidado e sem procurar realizar concursos, mas sim aplicando-os nos jogos e brincadeiras.

continua no próximo número

TEM A PALAVRA O LEITOR

SITUAÇÃO ANÍMICA

O Escoteiro é convidado a respeitar uma Lei pelo impulso de "Servir" e ser prestável.

O pejorativo termo "necessidades" deve ser explicitado entre a população melhor dotada de espírito higiénico, fruto de uma educação e maiores recursos, e os seus significados mais alongados e usados para que não corresponda ao uso vocabular entre forças anti-anímicas enraízadas.

É num contexto banal que venho encontrar a sábia e não entendida noção da palavra "licença" tão insistentemente proposta a uso, nas páginas do Mensário Escotista "Sempre Pronto", e é nas palavras dignas, algo irritantes, de um Amigo que, pela minha insatisfação ou talvez revolta, venho encontrar decifração, talvez insuficiente, mas algo triste e poética para o contraste com Liberdade: – Liberdade é a preocupação anímica satisfatória de melhorar a nossa própria forma de reagir à razão. É uma Necessidade social que exige à força anímica a depuração de vícios comportamentais. Portanto, em oposição, "Licença" é a permissão da "Liberdade" contra a depuração; contra a utilidade própria e social.

Meditando...

Pela Lei do Escoteiro, este sorri perante as dificuldades.

Mas, resta saber, se as forças anímicas são fortalecidas ou permanecem estáticas; se a poesia é a tristeza sem as reais significações do ócio consideradas como Necessidades; saber se a sociedade exige ou doa; se o Escotismo cria ou modela; se são precisos dez anos para que se altere o incitamento pelo convite; a meditação pelo esclarecimento; o cálculo pelo raciocínio.

Será bom que os leitores do "Sempre Pronto" e os responsáveis pelo Escotismo em Portugal meditem sobre este assunto.

Parece-me aqui maduro recomendar que o Escoteiro actue com outro sublema: – POUPE ENERGIA; ACTUE SEM SE IRRITAR!

Joaquim Tavares de Oliveira



NUM SEMINÁRIO EM RIYADH, ARÁBIA SAUDITA, OCUPOU-SE DA ALFABETIZAÇÃO

A leitura e a escrita são indispensáveis para aqueles que querem melhorar as suas condições de vida e de seus familiares. No entanto, há ainda muitas pessoas que não têm acesso a esta formação.

Países há, como o Quénia, a Índia e a Indonésia, onde os escoteiros estão habilitados para contribuir para a alfabetização da população. Os escoteiros e as guias mais velhos dão lições a grupos da sua vizinhança e outros organizam bancos do livro para atender os aldeãos.

Estes métodos, e outros, foram examinados por 22 chefes escoteiros no decurso de um seminário sobre alfabetização que se realizou em Riyadh, na Arábia Saudita, durante a semana de 18 a 24 de Março passado. Estes dirigentes escoteiros foram de Oman, Qatar, Kowait, Yemen e Arábia Saudita.

O seminário tinha por objectivo encontrar meios para organizar programas escoteiros de alfabetização nos países do Golfo. A formação foi assegurada por membros da Repartição Mundial e especialistas de Unesco, bem como do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Foram examinados outros projectos que tinham já obtido êxito e estabelecido projectos pilotos susceptíveis de ser realizados nos seus respectivos países.

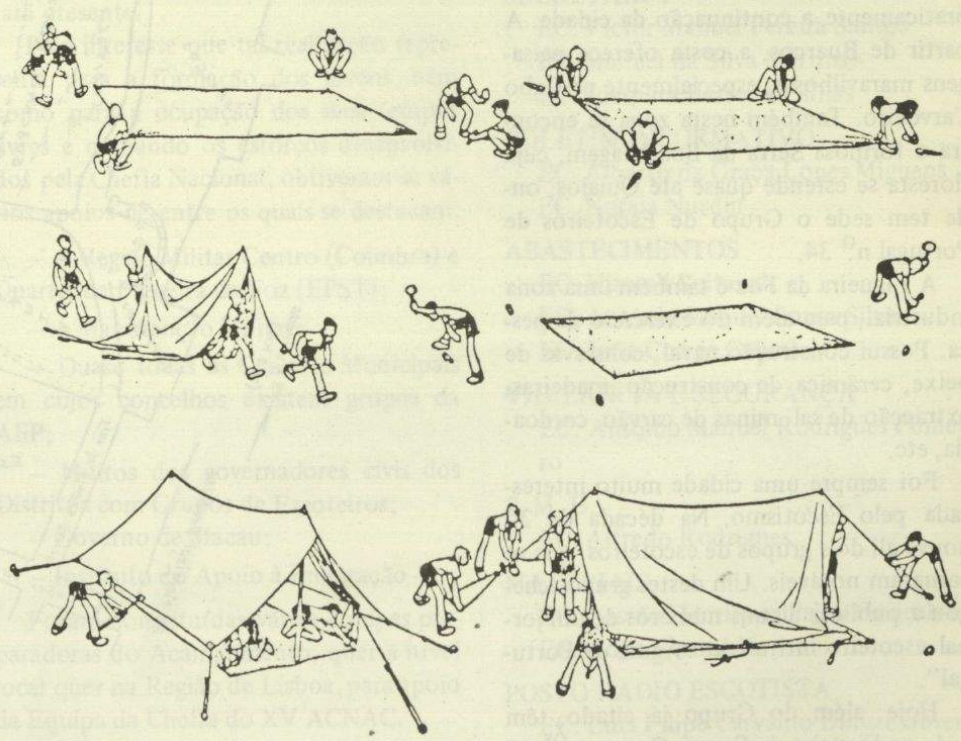
Os responsáveis da associação escoteira da Arábia Saudita deu directrizes para lançar, num futuro próximo, projectos pilotos de alfabetização em três distritos.

A série de publicações da Repartição Mundial do Escotismo sobre alfabetização facultou material de base para o Seminário. Estas brochuras estão disponíveis em várias línguas, e, entre estas, o árabe.

Foi o primeiro seminário escoteiro internacional sobre o assunto. Esta experiência e o interesse crescente demonstrado por diversas associações escoteiras significa que a Repartição Mundial poderá alargar a sua assistência neste domínio. – *Newsletter Bulletin*

N. da R. – Dado que, infelizmente, também em Portugal o analfabetismo constitui um grave problema, a notícia deste seminário constitui uma interessante sugestão para uma iniciativa válida para caminheiros do Escotismo Português, que poderão usufruir da colaboração da Repartição Mundial do Escotismo.

A PATRULHA MONTA UMA TENDA CANADIANA



Já aqui temos referido a forma como uma patrulha monta a sua tenda. Mas o desenho que aqui publicamos e reproduzimos, com a devida vénia, do Boletim "Jangada", nº 4, da equipa Jacques Yves Cousteau, do agrupamento 555, do CNE, Almada, é bem elucidativo. Examina-o com atenção.

O XV ACAMPAM



A CIDADE

A cidade da Figueira da Foz faz parte da Beira Litoral e pertence ao distrito de Coimbra. Tem cerca de onze mil habitantes, mas as treze freguesias que pertencem ao seu concelho têm mais de 60 000 habitantes. Dista 214 km de Lisboa, 115 km do Porto e apenas 50 km de Coimbra.

É uma cidade alegre, cheia de cor, que se estende ao longo do rio Mondego, junto à foz, e se vai espreguiçar nas suas belas praias, a da cidade junto ao Casino e a de Buarcos.

É uma zona de turismo por excelência e, por isso, dispõe de modernas instalações hoteleiras. Buarcos, terra de pescadores, é praticamente a continuação da cidade. A partir de Buarcos, a costa oferece paisagens maravilhosas, especialmente no Cabo Carvoeiro. Também nesta zona se encontra a formosa Serra da Boa Viagem, cuja floresta se estende quase até Quiaios, onde tem sede o Grupo de Escoteiros de Portugal nº 34.

A Figueira da Foz é também uma zona industrial, para além do exercício da pesca. Possui construção naval, conservas de peixe, cerâmica de construção, madeiras, extracção de sal, minas de carvão, cordoaria, etc.

Foi sempre uma cidade muito interessada pelo Escotismo. Na década de 20 houve ali dois grupos de escoteiros, que se tornaram notáveis. Um destes grupos chegou a publicar alguns números de um jornal escoteiro intitulado "Águia de Portugal".

Hoje, além do Grupo já citado, têm sede na Figueira da Foz os Grupos nºs 10 e 30 dos Escoteiros de Portugal.

Vamos, pois, participar no XV Acampamento Nacional e conhecer melhor a bela cidade da Figueira da Foz.

DE 8 a 16 DE AGOSTO NA FIGUEIRA DA FOZ

No momento em que "Sempre Pronto" chegar à mão dos seus leitores, estará quase a abrir as suas portas o XV Acampamento Nacional dos Escoteiros de Portugal.

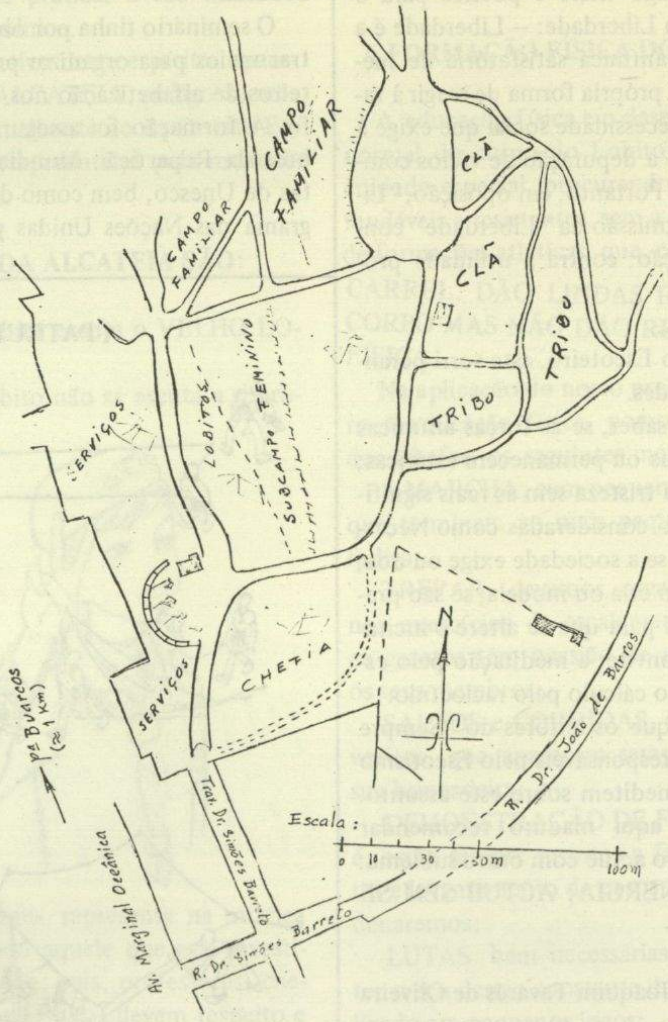
Esta actividade tão importante destina-se a assinalar o 70º aniversário da fundação do primeiro Grupo de "Scouts" fundado em Macau – em 1911 – por iniciativa do comandante Álvaro de Melo Machado, então governador do território.

Vão estar presentes no Acampamento cerca de 500 escoteiros. Embora não seja um número muito expressivo, representa já uma afirmação do progresso que os Escoteiros de Portugal registam presentemente.

Estarão presentes rapazes que virão de Macau – o berço do Escotismo Português – e de França, filhos de emigrantes.

O Escoteiro-Chefe Nacional, na sua última mensagem aos Escoteiros antes do acampamento, lançava o seguinte apelo: – "É um derradeiro esforço que se pede a todos para que se prove que somos Escoteiros e que nos anima o Espírito Escotista e de Equipa.

A prova vai ser feita. Os Escoteiros de Portugal estão em marcha para a Figueira da Foz.



AEP
Local do XV Acampamento Nacional na FIGUEIRA DA FOZ

ENTO NACIONAL

O XV ACNAC

Este XV Acampamento Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal comemorará os 70 anos do Escotismo em Portugal, uma vez que o primeiro grupo foi organizado em 1911, em Macau, pelo então oficial de Marinha Álvaro Melo Machado.

Isso faz com que, posta a questão ao Governo Regional de Macau, esse se tivesse decidido a enviar a esse acampamento 4 jovens macaístas. Espera-se que eles estejam presentes e apreciem o Escotismo a ponto de o retransplantar para aquele território, que continua a estar ligado à administração portuguesa.

O local escolhido para o acampamento foi um pinhal da Figueira da Foz, anexo ao Palácio Sotto Mayor. A proposta foi feita pela Região Norte da AEP por sugestão do Núcleo da Figueira da Foz. Após a aceitação de princípio, o caso foi analisado na Conferência Nacional de Abril de 1980 e concretizada depois, incluindo a data da realização (6 a 16 Agosto 81), na conferência Nacional de Dez. de 80, depois da chefia Nacional ter analisado no local as possibilidades de sua utilização.

Para a adopção do sítio, muito contribuiu o bom acolhimento que o Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz e sua Comissão de Turismo puseram no caso e bem assim a Sociedade Figueira Praia, como proprietária do pinhal.

A escolha de um local naquela zona obedeceu aos seguintes aspectos:

– homenagear os Grupos locais, pelo esforço que têm feito para implantar o Escotismo nessa zona.

– levar a uma divulgação maior do Escotismo, na zona Centro-Norte do País, através de um empreendimento desta natureza, já duma certa envergadura, quer para o público em geral quer para as autoridades locais.

– proporcionar aos escoteiros das muitas outras zonas do país um conhecimento mais directo da zona do Vale do rio Mondego, onde estão a realizar-se obras de fomento de grande envergadura.

Um acampamento nacional, como este, procura, por outro lado, estreitar os laços de amizade entre os escoteiros presentes, ao mesmo tempo que lhes proporciona trocas de experiências, participação em competições escotistas onde põem à prova os conhecimentos que adquiriram nos seus Grupos e proporciona ocasião a que exteriorizem a alegria do viver escotista, ao ar livre, quer através dos tradicionais Fogos de Conselho, quer das festas de campo e actividades de confraternização que são sempre organizadas entre os vários subcampos.

Estarão presentes escoteiros de todo o Norte, do Centro, da Região de Lisboa, do Alentejo, Algarve, Açores e Madeira, isso para além dos 4 jovens de Macau e de uns 10 jovens do grupo em organização próximo de Paris, constituído por filhos de emigrantes portugueses em França. Estes vêm a Portugal graças ao apoio do Instituto de Apoio aos Emigrantes.

Conta-se ter em campo uns 500 escoteiros (a um mês do início já havia 380 inscrições pagas). Além disso, espera-se ter a presença das Guias de Portugal e dos Escutas a quem foram feitos convites especiais e dos quais houve a promessa de diligenciarem estar presentes.

O sector feminino da AEP também estará presente.

Pelo interesse que tal realização representa para a formação dos jovens, bem como para a ocupação dos seus tempos livres e coroando os esforços desenvolvidos pela Chefia Nacional, obtiveram-se vários apoios de entre os quais se destacam:

– A Região Militar Centro (Coimbra) e Quartel da Figueira da Foz (EPST);

– A Manutenção Militar;

– Quase todas as Câmaras Municipais em cujos concelhos existem grupos da AEP;

– Muitos dos governadores civis dos Distritos com Grupos de Escoteiros;

– Governo de Macau;

– Instituto do Apoio à Emigração.

Foram constituídas várias equipas preparadoras do Acampamento, quer a nível local quer na Região de Lisboa, para apoio da Equipa da Chefia do XV ACNAC.

O esforço desenvolvido tem sido árduo em virtude das características do terreno e das dificuldades que sempre aparecem quando se põe ombros a uma organização desta envergadura, sustentada só com voluntários a tempo parcial. A chefia do Acampamento está, no entanto, esperançada em que este XV ACNAC demonstrará que os nossos "70 anos de juventude" correspondem a "um coração sem idade!"

Por outro lado, o mote que foi adoptado para o Acampamento foi:

Do oriente nos veio o Escotismo como de lá nos vem o sol nascente.

E, decerto, os escoteiros que vão estar na Figueira da Foz levarão consigo a luz desse Sol vivificado com os ideais Escotistas.



PATRULHA DE APOIO À ORGANIZAÇÃO DO XV ACAMPAMENTO NACIONAL

CHEFE DO ACAMPAMENTO
EC. Joaquim Alberto Garrett Lourenço

CHEFE DO SUBCAMPO CHEFIA
EC. António Mira Calhau

SECRETARIA
EC. Victor Manuel Pereira Santos
EC. Manuel da Silva Martins
EC. Joaquim Ferreira Calhas

BOLETIM INFORMATIVO
EC. Alberto da Graça Lopes Miguens
EC. Nurala Nurdin

ABASTECIMENTOS
EC. Nizarali Sultanali
EC. António Manuel Sousa Silva
EC. João Correa Cabral

VIGILÂNCIA E SEGURANÇA
EC. António Manuel Rodrigues Pinheiro

S. M. U.
EC. Alfredo Rodrigues

MATERIAIS
EC. Gastão Henriques Palha Gonçalves
EC. Adão Fernandes

POSTO RADIO ESCOTISTA
EC. Luís Filipe Carvalho Dinis Esteves

ACTIVIDADES DESPORTIVAS
EC. Paulo Jorge

ACTIVIDADES TEMPOS LIVRES
EC. Armando Carlos

Página do Escoteiro



NO "NACIONAL"

DESFRALDAR BANDEIRAS!

Vem aí o "Nacional"! Vamos erguer mastros e desfraldar as nossas bandeiras. O Escoteiro conhece as honras devidas à bandeira nacional. Ela tem sempre o lugar de honra. Se no mesmo mastro se arvoram diversas bandeiras, a nacional é a que fica no topo.

Se as bandeiras são hasteadas em arco, a bandeira nacional fica ao centro, portanto, no ponto mais alto.

A bandeira da Associação fica à direita e a bandeira do Grupo fica à esquerda.

Uma simples árvore pode servir para hastear a bandeira, particularmente se for a bandeira do Grupo. Mas num acampamento nacional é imperioso levantar um mastro para a bandeira.

Na figura 1, tens um exemplo de um mastro simples, seguro por um jogo de estacas. Escolhes um tronco de árvore não muito grosso com 7 a 8 m de comprimento, que enterras no solo sem necessidade de aprofundar.

Em seguida, fazes enquadrá-lo por quatro estacas de madeira de aproximadamente 2,5 m, que enterras no solo até quase metade. Reforças cada uma destas estacas com uma estaca de madeira forte ou ferro. Aquelas estacas servirão para fazer passar uma espia de "nylon", que passam pelas cavidades abertas no topo e vão travar o mastro. Outra espia mais grossa atravessará os troncos pelos orifícios abertos a um terço da altura e vão segurar às estacas. Estas estacas terão de estar fortemente metidas no solo.

O material fabricado será guardado para futuras utilizações.

Para um subcampo, poderás construir um mastro mais pequeno, mas muito elegante. (Vê a gravura 2).

Mas, também aqui, a imaginação criará outras formas. E os Escoteiros de Portugal, nos seus acampamentos nacionais, têm dado provas de muito engenho. Desta vez, não podem falhar.

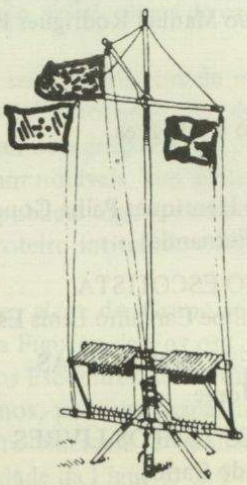


Fig. 2

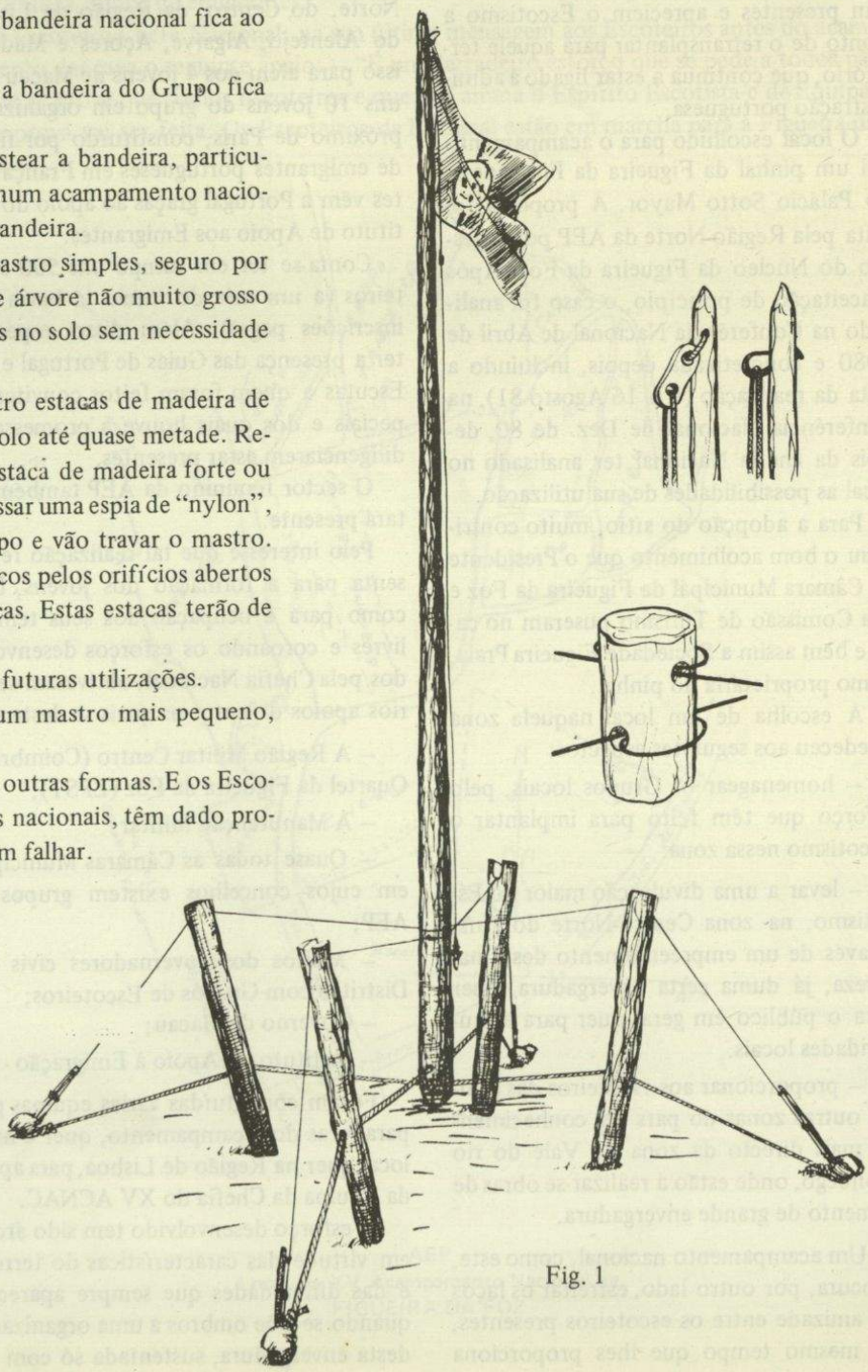


Fig. 1

Apartidarismo Político dos Escoteiros de Portugal

Nota de Serviço Nº 5/81
20.5.81

Desde os primórdios do Escotismo que ele se tem mantido dentro de uma estrita conduta de apartidarismo político.

Isso tem feito com que, através de 70 anos, tenhamos atravessado de cabeça erguida todas as evoluções políticas por que o país e a humanidade têm passado, embora arrostando algumas incompreensões, por vezes.

Não se impede que cada escoteiro ou dirigente tenha as suas ideias e as possa exprimir como pessoa individual; o que não se admite é que os escoteiros, como tal e como organização, especialmente uniformizados, vinculem acções que possam ser consideradas como de divulgação ou propaganda de ideias partidárias, quer directa ou indirectamente, muito mais concretamente quando uniformizados.

A isso nos obriga o Artº 1 dos nossos Estatutos, quando diz:

"A Associação dos Escoteiros de Portugal, ... é uma organização civil, ..., alheia a partidarismos políticos ....."

Por outro lado, no Regulamento Geral (aprovado no último Conselho Permanente) e no que se refere a este assunto, pode ler-se:

Artº 4º – Para assegurar o alheamento da política, expresso no Artº 1º dos Estatutos, dever-se-ão observar as seguintes normas:

a) Nos actos associativos não é permitido exaltar ou denegrir sistemas, factos, entidades ou personalidades políticas;

b) Aos associados uniformizados não é permitida a assistência a reuniões ou manifestações políticas, com excepção do caso previsto em c);

c) Salvo autorização especial dos órgãos associativos nacionais, só é permitida a assistência de organsimos associativos às manifestações de carácter nacional que tenham por fim comemorar datas e factos pelos quais tiverem sido estabelecidas comemoraçẽos oficiais;

d) Aos associados em uniforme ou ostentando a insígnia associativa não é autorizado o uso de qualquer distintivo político ou a distribuição de objectos ou publicações de carácter político ou partidário.

Artº 5º – Nos casos de graves perigos públicos e quando as autoridades responsáveis o anunciarem e mediante a organização a estabelecer pelos sectores associativos, poderão os escoteiros prestar o seu auxílio, devendo porém haver acordo prévio dos seus pais ou tutores, quando eles tiverem menos de 18 anos.

Assim, chama-se a atenção para o atrás referido, para que todas as Regiões, Núcleos, Grupos, Divisões e demais sectores associativos e seus respectivos dirigentes cumpram com o maior rigor possível.

Só nessa atitude poderá assentar-se uma vida associativa mais digna e dialogante com todas as pessoas dos mais variados quadrantes políticos e ideologias. Só assim poderemos continuar, mais tranquilamente, a trabalhar com mais jovens, quaisquer que sejam as suas origens, criando neles uma maior dose de compreensão e entendimento para com os outros.

Referem-se os pontos acima focados porque têm aparecido alguns casos em que há Grupos que têm aderido, colaborado ou comparecido (uniformizados) nalgumas comemorações ou manifestações, embora de carácter não directamente político-partidário, mas que têm sido aproveitados por forças partidárias, de um ou outro lado, mesmo em datas de feriados nacionais e organizadas por entidades públicas locais ou regionais.

Em caso de dúvida sobre o Artº 4º – c) do Regulamento Geral deverá contactar-se a Chefia Regional ou a Chefia Nacional com a antecedência apropriada.

Solicita-se, pois, que tudo seja cumprido em conformidade com o que atrás se refere.

Saudações escotistas do

Sempre Pronto a Servir
O Escoteiro-Chefe Nacional
José M. Nobre Santos

***

RECORDANDO COM OPORTUNIDADE

De "O Scout", orgão oficial da região do Porto do C.N.S., Ano 1º – Outubro de 1926 – Nº 2.

INSTRUÇÃO E DISCIPLINA

No escotismo toda a disciplina deve ser obtida sem aspereza. A jovialidade e o bom humor devem ser mantidos acima de tudo. Se se falar às crianças, gravemente, sobre as leis escoteiras, não se consegue o seu interesse; se se fizer isso por meio de jogos ou histórias, elas ouvem e entregam-se com entusiasmo – chama-se a isso "dourar a pílula".

Sendo a função mais importante do escotismo despertar a qualidade de carácter das crianças, deve ser dada aos escoteiros a maior iniciativa, e o chefe deve entrar nos jogos e instruções o menos possível como dirigente, e o mais possível como participante. O "sistema de patrulhas" deve prevalecer, porque é ele a condição essencial do sucesso.

Uma parte de cada reunião deve ser empregada na instrução dada pelos guias às suas patrulhas.

O chefe nunca vem para a reunião sem o programa do dia; nada há mais prejudicial do que a indecisão de um chefe *que não sabe "o que há-de fazer agora"*.

A instrução deve ser divertida e variada. O segredo do bom chefe está em mudar de assunto ao primeiro sinal de aborrecimento, mas que isso não vá ao exagero.

Exigir que os escoteiros andem sempre de lápis e caderninho, anotando o que observarem e o que houver interesse em guardar.

Cada um deve ser tratado conforme o seu espírito. Uma lição pode estar ao alcance de alguns, mas não ao alcance de todos. Muitas vezes é necessário dividir o grupo em partes, homogéneas quanto ao desenvolvimento intelectual.

Ter sempre como um princípio o adágio "não se dá de beber a quem não tem sede". Da mesma forma é necessário despertar o interesse da criança se quisermos que aproveite os ensinamentos que lhe dermos.



O ESCOTISMO NA DÉCADA DE "VINTE"

continuação do número anterior

pelo Professor Aníbal Ramos

Perante os resultados pedagógicos obtidos, o sr. Comissário Nacional dignou-se, em representação do Conselho Nacional, convidar o autor destas linhas a dirigir um centro de recuperação educativa a instalar fora de Lisboa, em edifício cedido pelo governador civil, que recusou.

Em verdade, ainda nos sentimos emocionados ao recordar o cerimonial executado na imposição das bolotas ao chefe do grupo nº. 15.

Quinze horas e trinta minutos marcavam os ponteiros dos relógios na tarde do dia vinte e quatro de Junho do ano de mil novecentos e vinte e três, quando, orgulhoso e feliz, quase pueril, aquele dirigente se revia no uniforme que vestia pela primeira vez, incompleto por falta do chapéu, a ser-lhe posto solenemente daí a momentos.

Estimulado pela concepção do dever, não ousou permanecer longo tempo naquela atitude, como era seu desejo, natural da juventude, e já lesto ordenou ao requinta, colocado à sua retaguarda, para tocar a unir.

Os setecentos alunos, depois de formados por alturas, em duas colunas, avançaram em cadência ordinária, subindo a principal avenida do edifício. A novo toque de corneteiro, pararam e, seguidamente, dispuseram-se em duas fileiras com frente ao centro da via, por onde passaram as entidades da AEP, do Corpo Docente e familiares. Junto ao "portão da rainha", estacionavam: no lado esquerdo a banda de música; no direito, o grupo de escoteiros; na testa, os directores respectivamente da escola, dos estudos e dos serviços administrativos.

Assaz curioso seria anotar a simultaneidade verificada na chegada do Comissário Nacional com a sua comitiva e dos ponteiros dos relógios à hora antecipadamente marcada para iniciar a festa. (O escoteiro era pontual).

Como o orientador, sempre activo, percorria sem cessar a parada perscrutando a chegada das entidades convidadas, logo deu o sinal e de novo se ouviu soar o toque, mas agora a sentido. Enquanto a banda inicia o hino apropriado, os escoteiros perfilam-se em continência e a parada toma a posição respeitadora de sentido, a comitiva desce lentamente por meio das alas, distinguindo-se nela numerosos chefes ostentando multiplicidade de lindos distintivos bordados a ouro e vasto conjunto de senhoras em seus vestidos leves, fulgurantes.

Comentando jubilosamente uma ou outra cara risonha dos garotos que os ladeia, encaminham-se para o vasto gabinete do Director onde descansariam o tempo preciso para a assistência ocupar os lugares no salão.

Percorrida a coxia pela Direcção e Chefia, estas entidades sentam-se, tomando lugar em duas mesas colocadas no palco; na da direita os primeiros e na esquerda os segundos. Formam semicírculo à retaguarda os escoteiros do Quinze.

Depois do director da Escola historiar a razão que fundamentava a criação do grupo e, no mesmo passo, apreciar a personalidade do professor seu dirigente, solicita ao Comissário Nacional que, com os elevados conhecimentos que o distinguem, elucide os presentes.

O Dr. Tovar de Lemos, representante máximo no país do sistema educativo visado, de pé e em posição solene embora sorridente, profere completa e brilhante dissertação cujo tema desdobra em três capítulos: o fundador B.-P., o método psicossomático em franca expansão pelo mundo, e a sua adaptação aos internatos escolares.

Seguidamente, face-a-face com o graduado, explicitou o significado do cerimonial, completou-lhe o uniforme colocando-lhe o chapéu característico na cabeça, entregou-lhe o diploma obtido na Escola Central e pôs-lhe no pescoço o colar com duas bolotas, distintivo de chefia, e erguendo o braço direito em continência, bradou em voz clara e sonora "quem quer bolota trepa", após o que, comovido, abraçou-o.

Pelo vasto salão ecoou então em uníssono exuberantes aplausos.

Com tal manifestação, terminou a festa.

Não menos de destacar foi o "pacto escotista" firmado entre os grupos 5, 13 e 15, no qual os contratantes assumiram o compromisso de se auxiliarem mutuamente nos comestíveis e material durante os acampamentos comuns.

O 15 fornecia aos restantes os alimentos de que estes careciam e recebia em troca, fruta, doces, pão e várias iguarias de que os primeiros estavam privados, bem como serventia do esplêndido trem de cozinha. Deste modo se cumpria o preceito escotista, tanto mais positivo quanto provinha, no maior volume duma instituição oficial desejosa de se aperfeiçoar.

O processo actuou agradavelmente durante anos e teve maior aplicação enquanto a chefia do 5 e do 15 foi exercida cumulativamente pelo segundo.

O 13, privado de sede própria, reunia-se na sala de jantar do chefe, o sr. Cardoso, funcionário superior do Banco Nacional Ultramarino, homem bondoso, talvez de 55 anos de idade, residente na R. Passos Manuel. Era inteiramente dedicado aos seus escoteiros, os quais, dizia, substituírem os filhos que nunca possuíra. Toda a família subscrevia para o Grupo, bastante limitado em efectivos e bens materiais.

O grupo 5 exercia actividade espectacular nos domingos de tarde, movimentado pelos três esplêndidos guias de patrulha, Armando Lamelas, Aquiles Melquiades e Sant'Ana, destacadamente na época de 1922 a 1924. A sede cedida pela Liga das Mulheres Portuguesas localizava-se na Calçada de Arroios. Publicava mensalmente uma folha manuscrita dirigida por Armando Lamelas, moço de 18 anos, activo, talentoso, amante não menos dos companheiros que da família.

Satisfaz lembrar os versos escritos nela, que reproduzimos.

Ei-los:

Era pequena a patrulha
Para tão grandes ambições
Ainda quis fazer bulha
Mas caíam aos trambolhões.

O escoteiro está a esperar
Que uma vez um jornal
Se consiga aguentar
Sem ir ao chão afinal.

Mas esta unidade, creio actualmente em declínio, foi pródiga em actividades tendentes a estimular a cultura e a fraternidade entre os seus companheiros, especialmente de 1924 a 28.

Ainda com esse fim, vários dos seus componentes, no decurso de noites sobre noites, com sacrifício do descanso após o trabalho, umas vezes em casa de uns outras nas de outros, perturbando-lhes o sossego doméstico, estudam e ensaiam in-

→ pág. 12



EMISSÕES COMEMORATIVAS DO 75º ANIVERSÁRIO DO ESCOTISMO

A Fundação do Escotismo Mundial informa que 54 países já anunciaram que vão emitir selos postais comemorativos do 75º aniversário do Escotismo. Entretanto, outros países ainda estão considerando seriamente a possibilidade de proceder de modo idêntico.

Em diversos países, uma parte do benefício dessas emissões reverterá a favor da associação nacional e, ou, da Fundação Mundial do Escotismo.

Projecta-se também a publicação de sobrescritos do primeiro dia. — *Newsletter Bulletin*



CARIMBOS POSTAIS COMEMORATIVOS

continuação do número anterior

73 — 19/10/1974 — FUNCHAL — (Madeira)
XVII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

74 — 19/10/1974 — BENGUELA — (Angola)
XVII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

75 — 19/10/1974 — NOVA LISBOA — (Angola)
XVII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

76 — 19/10/1974 — DONDO — (Beira, Moçambique)
XVII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem

77 — 19/10/1974 — LOURENÇO MARQUES — (Moçambique)
XVII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem

78 — 17/ 1 /1975 — OLHÃO
50 Anos do Grupo nº 6 da Associação dos Escoteiros de Portugal.
Sobrescrito comemorativo: Edição do Grupo.

79 — 23/ 4 /1975 — VILA NOVA DE GAIA
Dia do Escoteiro
Motivo: O Lobito
Sobrescrito comemorativo: Edição do O. N. do Jamboree no Ar

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

← pág. 2

RELAÇÕES PÚBLICAS E EXTERIORES

Foi nomeado escoteiro-chefe da chefia nacional para relações públicas e exteriores, o sr. Aníbal da Conceição Vieira, que foi escoteiro desde 1932 no Grupo nº 13, da Sociedade de Geografia de Lisboa, onde durante dez anos ocupou cargos diversos.

NOMEAÇÕES DE DIRIGENTES DE GRUPOS

No mesmo Boletim foram publicadas as seguintes nomeações:

Carlos Manuel Pisco do Maio, para subchefe de Tribo, do Grupo nº 7 — Lisboa.

Maria Margarida Jacobetty Vieira Simarro, para chefe de Alcateia do Grupo nº 8, Lisboa.

José Manuel Sitério Madeira, para escoteiro-chefe de Tribo, do mesmo Grupo.

Maria de Lurdes Nascimento Roco, responsável da Secção do Montijo, do mesmo Grupo.

Vítor Manuel Varanda Gaspar, para subchefe do Grupo nº 11 — Odivelas.

Maria Graciete Mendes P. Varanda Gaspar, para subchefe de Alcateia, do mesmo Grupo.

João Fernando Queiroz e Brito, para escoteiro-chefe de Tribo, do Grupo nº 79, de Lisboa.

Maria Odete Rita Polónio Tavares, para chefe dos serviços administrativos do mesmo Grupo.

Maria João Vieira Pereira, foi exonerada da Equipa de Apoio da Chefia Nacional para exercer o cargo de Escoteira Chefe Nacional adjunta para o Ramo Feminino da AEP.

RAMO FEMININO NA AEP E COEDUCAÇÃO

Foram expedidas algumas normas sobre o assunto acima referido, preparadas pela Esc.-Ch. Nac. Adj. para o Ramo Feminino da AEP, Maria João Vieira Pereira.

Chama-se a atenção para o esforço muito grande que os Grupos têm de fazer no sentido do cumprimento das citadas normas, que se consideram integradas nas determinações e resoluções da Chefia Nacional.

Tal cumprimento torna-se tanto mais necessário quanto os nossos Estatutos de 1978 passaram a considerar oficialmente a designação de "Juventude" englobando rapazes e raparigas, enquanto que nos anteriores Estatutos era referido como objectivo da AEP a aplicação do Escotismo "à mocidade do sexo masculino".

Dessa modificação, que parece simples, mas não é, para ser correctamente aplicada, resultam várias obrigações para os dirigentes de todos os escalões associativos, quer de Grupos, de Núcleos ou Regiões.

Isso implicará a revisão das provas de classe no domínio respectivo. É tarefa que, entre outras, ocupa a Esc.-Ch. Nac. Adj. para o Ramo Feminino que está desenvolvendo várias acções nesse sentido, por forma a que os resultados possam ser convenientemente integrados na revisão a que se está procedendo do Regulamento-Geral da AEP.

XVII CONFERÊNCIA NACIONAL DE DIRIGENTES

— CONVOCATÓRIA —

A pedido da Direcção Nacional e de acordo com o estipulado no corpo do Artº 13º dos Estatutos, é convocada a Conferência Nacional de Dirigentes, em sessão *ordinária*, para os dias 3, 4 e 5 de Outubro de 1981.

As sessões de trabalho realizar-se-ão no PNEC (Parque Nacional de Escotismo da Caparica).

Os pormenores de organização e estadia serão comunicados oportunamente pela Direcção Nacional.

A ordem dos trabalhos desde já prevista constará de:

1 — Apreciação dos trabalhos desenvolvidos pela Direcção Nacional e Chefia Nacional. (nº 2º e 4º do Artº 12º dos Estatutos).

2 — Eleição dos dirigentes máximos associativos. (nºs 5º, 6º e 7º do Artº 12º dos Estatutos).

3 — Apreciação de alterações aos Estatutos, ou estabelecimento das ideias mestras a que deverá obedecer uma declaração. (nº 3º do Artº 12º dos Estatutos e tendo em conta o § 1º desse mesmo Artº 12º).

4 — Constituição da Federação Escotista de Portugal (AEP — CNE).

5 — Apreciar os grandes problemas que interessam ao Movimento e à AEP, estabelecendo a orientação geral a seguir. (Entre esses problemas destaca-se o relacionado com a aprovação de um Regulamento Geral, ou fixação das linhas mestras que o devem definir). (nº 2º do Artº 12º dos Estatutos).

6 — Eleição dos delegados ao Conselho Permanente. (nº 9º do Artº 12º dos Estatutos).

7 — Apreciação de quaisquer outros temas que sejam aceites pela assembleia.

Solicita-se aos Grupos e Regiões para que enviem até 24.8.81 quaisquer sugestões de temas a tratar ou notas e elementos sobre pontos da ordem dos trabalhos.

Lisboa, 16 de Julho de 1981

Sempre Pronto a Servir
O Presidente da Conferência Nacional
Manuel Lopes Peixoto

SEMPRE PRONTO

Com o presente número do nosso mensário, a sua publicação fica em dia. Mas a oficina gráfica encerra em Agosto para férias, pelo que sofrerá novo atraso a próxima edição.

Contamos com a benevolência dos nossos estimados leitores, que nos desculparão esta demora na remessa de outro jornal.

O ESTADO CEDE À ASSOCIAÇÃO DAS GUIAS DE PORTUGAL A QUINTA DO BALTEIRO, NO VALE DO JAMOR

O "Diário da República" de 19 de Junho corrente, publica um despacho conjunto dos ministros da Educação e Ciência e da Qualidade de Vida, em que é autorizada a cedência, a título precário e pelo prazo de um ano, renovável sucessivamente por iguais períodos, da Quinta do Balteiro, situada no perímetro do Estádio Nacional, no Vale do Jamor, à Associação das Guias de Portugal.

Esta autorização visa permitir à Associação Guidista desenvolver as suas actividades específicas junto das populações daquela área, em situação de carência.

Eis um acontecimento que merece ser devidamente assinalado, pois representa um excelente meio de acção de que as Guias de Portugal passam a dispor.

*

DE MÊS PARA MÊS



PROVA DE EXAME!

O "Nacional" aí está. Dentro de poucos dias abre as suas portas na bela cidade da Figueira da Foz o acampamento Nacional dos Escoteiros de Portugal.

Trata-se de uma prova de exame. A Associação, as Regiões, os Núcleos, principalmente os Grupos vão ser submetidos a um teste, de que todos nós seremos o Júri. Estejamos atentos: vamos observar com atenção; avaliar habilitações; medir interesse e dedicações e definir competências.

O "Nacional" é uma grande prova de exame. Vamos ver quem vence!

EFEMÉRIDES

SETEMBRO

Dia 6 – Aniversário do Grupo nº 5 – Lisboa.

– 68º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Dias 20/21 – Em 1958, realizou-se em Carcavelos, na Quinta de S. Gonçalo, um acampamento de confraternização entre antigos escoteiros e escoteiros do activo daquela época. Quem se lembra?

Dia 22 – Em 1955, na sede do Grupo nº 8, em Lisboa, realizou-se uma cerimónia em que tomou posse, como chefe do Grupo, Idílio Gonçalves e um amigo, Feliciano Negreiros, ofereceu o estandarte da unidade. O rev. Meza evocou a figura de D. Duarte de Almeida – O Decepado – como símbolo do cumprimento do Dever.

*



ÉS CAPAZ?

FÓSFOROS

Toma oito fósforos do mesmo tamanho.

Procura dispô-los de maneira a mostrar simultaneamente dois quadrados e quatro triângulos. É preciso não cruzar os fósforos, nem parti-los, nem que as pontas se ultrapassem.

A solução é de facto simétrica e bonita.

Se não fores capaz, vê o próximo número.



A ACM DE VILA FRANCA DE XIRA ORGANIZA UM GRUPO DE ESCOTEIROS DE PORTUGAL

A ACM de Vila Franca de Xira, recentemente fundada, estabeleceu no seu programa a organização de um Grupo de Escoteiros. A juventude da próspera Vila ribatejana acolheu a iniciativa com entusiasmo e as inscrições surgiram imediatamente, ao ponto de terem de ser suspensas porque o número de aspirantes ia já acima do que seria conveniente.

Entretanto, o Grupo começou já a funcionar, com reuniões e actividades regulares, sob a orientação do chefe proposto José Morais Pelouro, tendo sido solicitada a sua filiação à Associação dos Escoteiros de Portugal.

O entusiasmo do Acampamento Nacional atingiu, porém, as fileiras do novo Grupo, pelo que foi solicitada ao Escoteiro-Chefe Nacional permissão para que os seus aspirantes pudessem participar no "Nacional". O pedido recebeu despacho favorável, pelo que doze jovens de Vila Franca de Xira marcarão presença na Figueira da Foz.



O ESCOTISMO NA DÉCADA DE "VINTE"

← pág. 10

sistentemente a peça de Camilo Castelo Branco "Eusébio Macário", que representou numa importante Sociedade de Recreio sita na R. Eugénio dos Santos.

Nela tomámos parte desempenhando o papel de Eusébio, conjuntamente com alguns escoteiros.

O facto constituiu motivo de grande euforia, não só pelo êxito da representação, mas também por a plateia estar repleta e ter obtido boa receita monetária.

Enfim... Muito haveria ainda a descrever, talvez com alguma utilidade futura mas, o que fica registado, destaca bem o comportamento de alguns elementos que actuaram nos anos vinte.

Serve a narração dos factos descritos para demonstrar, embora de modo precário, o desejo de corresponder ao convite publicado no Sempre Pronto: factos em que, com a nossa alma, partilhámos na idade própria.